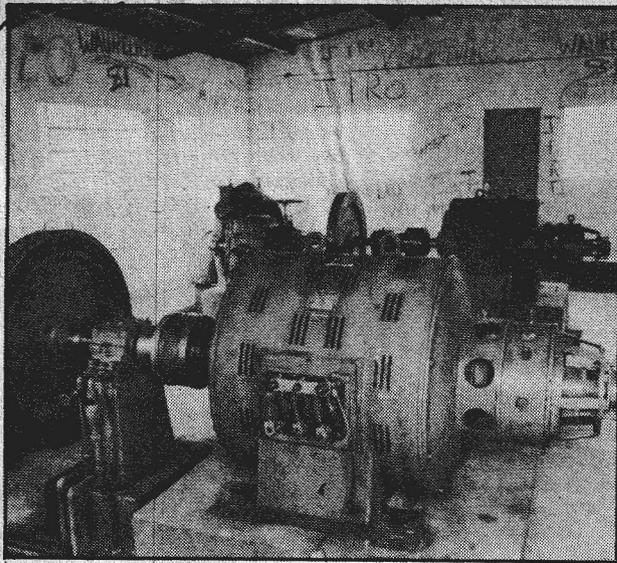


GDF será informado sobre a venda



Marcio Di Prieto

A casa de força e as máquinas pertencem à CEB, que vai discutir a venda das terras com o GDF

O problema gerado pela venda das terras onde se localiza a usina da Saia Velha - a primeira a abastecer Brasília - vai ser levado ao conhecimento do governo do Distrito Federal pelo diretor-presidente da Companhia de Eletricidade de Brasília, Gastão Lima, que admitiu só ter sido informado da atitude da Central Elétrica de Goiás através da imprensa.

«Depois da casa arrombada é que se bota tranca na porta», brincou ele, lembrando que desde 1973, quando a usina foi desativada, a CEB já vinha manifestando à CELG seu interesse em resolver a questão. O problema estava em que, embora as instalações da usina pertencessem à CEB, as terras em que se localiza haviam sido doadas pela prefeitura de Luziânia à CELG.

A proposição inicial da diretoria executiva da CEB foi a de retirar as instalações e bens da casa de força, proposta que foi rejeitada pelo conselho de administração. «Pensava-se então na possibilidade de encontrar-se uma solução futura para o caso — diz Gastão Lima — como por exemplo aproveitar a usina como marco histórico da cidade».

NEGOCIAÇÕES

Em 1979, quando assumiu a presidência da CEB, Gastão Lima diz ter reiniciado negociações, que não se concretizaram por dois motivos: a existência de questões fundiárias que complicavam a aquisição das terras e a negativa da CELG em aceitar um preço histórico pelas terras, o que é de praxe entre empresas do setor de energia elétrica.

Sobre esta questão, inclusive, ele adianta que a venda de propriedades de uma empresa pública é feita normalmente em caráter preferencial para outra empresa pública. No caso de ser feita para particulares deve-se estabelecer concorrência pública. Desconhecendo este detalhe com relação à venda das duas áreas da Saia Velha, que perfazem um total de pouco mais de 26 hectares, Gastão Lima informa



Marcio Di Prieto

O empresário que adquiriu as terras, está disposto a negociar com a CEB

apenas que foram vendidas inicialmente para William Croker Fernandes, por dois milhões e cem mil cruzeiros.

As soluções agora, segundo ele, estarão na dependência do GDF, e podem tanto consistir na aquisição de parcela destas terras ao seu novo proprietário, Flávio Emery de Souza, ou na retirada dos equipamentos da usina; após estudar-se os aspectos jurídicos pertinentes. Se a CEB vier a adquirir a propriedade, ela poderá tanto ser doada ao Detur quanto vendida à Fundação dos Empregados da CEB, exemplifica Gastão Lima, que diz acreditar não ser difícil negociar com seu novo proprietário, o empresário Flávio Emery de Souza.

Empresário quer negociar

O empresário Flávio Emery de Souza se diz disposto a negociar com a CEB, caso esta venha a manifestar disposição em comprar-lhe as terras onde se localiza a usina de Saia Velha, mas no caso da mesma vir a ser tombada pelo Patrimônio Histórico ressalva que não vai ficar «com a responsabilidade do que não é meu».

Se a segunda hipótese vier a concretizar-se, frisa, «terão que colocar lá um zelador e tomar as providências para cuidar da construção, coisa que tenho assumido até o momento. Troquei vidros quebrados, estou pensando em pintar as paredes da casa de força e iniciar uma série de melhoramentos no local para reabri-lo à população», contou ele, ressaltando que, de todo modo, «eu seria incapaz de destruir o que Juscelino Kubitschek fez».

O empresário Ideu de Oliveira, cuja firma construiu o primeiro grupo escolar de Brasília, o Sara Kubitschek, na Candangolândia, acha que seria ótimo se fosse construído um hotel na Saia Velha, «de modo que a gente pudesse levar a família nos finais de semana».

Para ele, era necessário desencadear-se uma campanha para a preservação da memória de Brasília e não ficar esperando que a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional tome uma posição, «pois enquanto os técnicos da SPHAN estão no blá-blá-blá a escola, que é de madeira, está caindo aos pedaços».

Se o Detur viesse a se interessar pela preservação de construções semelhantes, exemplifica, poderia ser cobrado um preço de ingresso a quem estivesse fazendo-lhe a visita, dinheiro com o qual se conseguiria «brincando, o retorno do capital empregado para recuperação da construção».